

## Azevedo Amaral, Rubem Braga e Alvaro Moreyra nas páginas de *Diretrizes* (1938-1939)<sup>1</sup>

Joelle Rouchou<sup>2</sup>  
Fundação Casa de Rui Barbosa

### Resumo

A revista *Diretrizes* é fundada em abril de 1938, logo depois da fundação do Estado Novo, pelo então presidente Getúlio Vargas. Foi fechada pelo regime de Vargas em 1944. Seu criador foi Azevedo Amaral, um dos idealizadores do novo regime. O jornalista Samuel Wainer participou da elaboração da revista desde o início, tomou conta da revista transformando-a numa publicação de ataque à política de Vargas. Nos interessa analisar os primeiros editoriais assinados por Amaral, as mudanças logo após sua saída e as crônicas de autores como Rubem Braga e Alvaro Moreyra, intelectuais de esquerda, mantendo seus espaços de resistência nas páginas da revista. Sob intensa censura e vigilância exercidas sobre os meios de comunicação da época, os intelectuais e jornalistas responsáveis pelo periódico lutaram para garantir a liberdade de imprensa.

**Palavras-chave:** jornalismo, *Diretrizes*, DIP, Samuel Wainer, Azevedo Amaral..

### Texto do Trabalho

Em 1937, Getúlio Vargas deu o golpe de estado que instaurou o Estado Novo. No ano seguinte, foi fundada a revista *Diretrizes*. Ela teve uma vida relativamente curta, ao todo, seis anos. Em 1944 o periódico foi fechado pela censura do regime político que acabaria no ano seguinte. No mercado editorial durante o Estado Novo, o periódico constituiu importante fonte histórica para estudo e compreensão do período.

*Diretrizes* foi fundada na cidade do Rio de Janeiro em abril de 1938 por Antônio José de Azevedo Amaral. Ele foi um dos intelectuais que apoiou o Estado Novo e pensava trazer para a revista a doutrina varguista. Seis meses depois da fundação revista, Azevedo Amaral sai da revista que tomava um rumo oposto a suas posições políticas.

Num primeiro momento, a revista foi mensal, e dois anos depois, a revista passou a ser uma publicação semanal. Durante seus mais de 200 números, o hebdomadário conseguiu independência dos demais jornais e revistas do país, buscando liberdade de expressão e uma linguagem reflexiva em seus textos pertinentes.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Parte deste artigo foi apresentado na Rede Alcar 2015, com colaboração da bolsista Pollyana Faria Lopes, do programa PIBIC/FCRB).

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação, Pesquisadora do Setor de História da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: joelle@rb.gov.br.

Vergara (2010) distingue as fases da revista em três: uma primeira, de abril a outubro de 1938, a segunda de novembro de 1938 a novembro de 1940 e a terceira, de dezembro de 1940 a julho de 1944. A principal característica da primeira fase é a direção de Azevedo Amaral, ideólogo do Estado Novo que lança *Diretrizes* com o objetivo de analisar a conjuntura política justificando o regime. O segundo ciclo tem por base a exclusividade de Wainer na direção do periódico e a considerável mudança editorial. À terceira etapa é atribuído o período em que *Diretrizes* contou com a participação financeira e editorial de Maurício Goulart, importante jornalista e político notoriamente contrário ao Estado Novo, que foi, inclusive, preso nesse período.

A partir de tal recorte acadêmico, este trabalho vai analisar os primeiros editoriais de Azevedo Amaral e fazer uma breve comparação com os do Genolino Amado, ainda no primeiro ano da revista, na passagem da primeira para a segunda fase de *Diretrizes*. Este recorte foi escolhido por tratar-se do momento em que a revista deixou de ser dirigida por um expoente pensador do regime político vigente. Azevedo Amaral foi um dos intelectuais do estado autoritário, posição expressa em seus textos publicados na revista. De plataforma do pensamento autoritário, ao fechamento pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, o aguçamento do caráter liberal democrático orientado pelo jornalista Samuel Wainer foi o percurso editorial do periódico. Neste sentido, como um primeiro exercício de análise de *Diretrizes*, apresentaremos as relações entre o pensamento de Amaral e o Estado Novo. Nesse mesmo momento político, nos interessa analisar como dois colunistas escritores da recém-lançada revista analisam, sob prisma cultural, os acontecimentos do turbulento ano que precedeu a II Grande Guerra. Rubem Braga e Álvaro Moreyra refeletem em suas colunas *O homem da rua*, do primeiro, e coluna sem título específico de Moreyra, montam um panorama crítico sobre os acontecimentos nacionais e internacionais. Os dois apoiam causas democráticas e libertárias em seus textos. Nos interessa perceber como as páginas da revista contemplavam posições críticas ao governo Vargas, depois da saída de Amaral, tanto nos editoriais quanto nas páginas culturais.

## **Diretrizes**

Com sua influência política, Azevedo Amaral criou, em 1938, *Diretrizes*, uma revista para debater os rumos da nação e, para a empreitada, convidou o jovem jornalista Samuel Wainer. Bancado com a verba da empresa Light and Power, o periódico tinha como

subtítulo *Política, Economia e Cultura* e foi criado pelo intelectual como uma plataforma para justificar o Estado Novo e criticar o liberalismo.

Sobre o assunto, Wainer conta em suas memórias:

Ao sair da *Revista Contemporânea*, tratei de manter ligações com o mundo da imprensa, e um desses vínculos seria Azevedo Amaral, que já estava cego. Ele passou a ditar-me artigos que escrevia para algumas publicações, que eu depois copidescava. Em novembro de 1937, Getúlio Vargas decretou o Estado Novo, fechando o Congresso e todas as organizações políticas existentes no país, inclusive o movimento integralista. Nessa época, Azevedo Amaral convidou-me para trabalhar com ele no lançamento de uma nova revista. Ao ouvir a proposta, reagi como se a ideia de uma revista mensal fosse algo em gestação já há longo tempo num canto qualquer da minha cabeça. Várias ideias estavam elaboradas. (WAINER, 2000: 49)

Muito se apresenta em estudos sobre as características liberais democráticas de *Diretrizes*, da sua independência dos demais jornais e revistas do país em busca da liberdade de expressão e o uso de linguagem reflexiva. Tais atributos são notáveis principalmente a partir de janeiro de 1941, quando a revista passou a ser semanal e a abordar temas mais populares. Segundo a seção artigos da Biblioteca Nacional Digital,

A mudança deveu-se, em grande parte, às posições dos responsáveis pelo periódico face ao autoritarismo vigente em alguns países da Europa (e, por extensão, também no Brasil) e diante do desenrolar da Segunda Guerra Mundial. A mudança no teor da publicação, de acadêmico para popular, revelava, de certa forma, a busca da democratização da informação e da própria política nacional, então sufocada pelo regime fechado e violento do Estado Novo.

Com a gradual politização dos artigos e o emprego de linguagem mais acessível, que lhe rendeu mais leitores, *Diretrizes* acentuou o seu caráter liberal e democrático, oposto ao situacionismo. Embora concordasse com grande parte das medidas econômicas e sociais tomadas pelo governo de Vargas, a revista cada vez mais evidenciava a sua oposição ao autoritarismo do regime.<sup>3</sup>

O sentido democrático da revista é notável no enfrentamento com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Assim como os demais veículos de comunicação da época, *Diretrizes* também foi controlada pelo censura imposta pelo órgão, sendo obrigada a publicar propaganda política do governo, e forçando a saída de Maurício Goulart da

<sup>3</sup> <http://bndigital.bn.br/artigos/diretrizes/> acessado em 5 de março de 2015

redação, principal patrocinador da revista durante determinado período de tempo. O ápice desse embate é o fechamento da publicação em julho de 1944.

Bem antes, porém, *Diretrizes* estampou nos primeiros números, os editoriais e a coluna *Comentário Internacional* de Azevedo Amaral, importante intelectual alinhado ao pensamento de direita e diretor do periódico. A influência do autor na construção de um projeto editorial de revista não pode ser minimizada e precisa estar articulada às teorias autoritárias de Amaral, em voga no período já que o país havia acabado de iniciar um dos seus períodos históricos mais sombrios, a ditadura do Estado Novo.

### **O Estado Novo e o pensamento autoritário de Amaral**

O Estado Novo foi o governo autoritário que se estendeu de 10 de novembro de 1937 até 29 de outubro de 1945. Comandado por Getúlio Vargas, foi instaurado a partir de um golpe de estado executado em resposta às eleições presidenciais que aconteceriam em 1938. O período foi marcado pela centralização do poder executivo, com o Congresso Nacional, assembleias legislativas e câmaras municipais fechadas. Os governadores de estados que não concordaram com golpe foram substituídos por figuras nomeadas diretamente pelo executivo federal. O caráter intervencionista se estendeu à economia, colocando o Estado como agente fundamental do desenvolvimento econômico do país.<sup>4</sup>

Na conjuntura política que permitiu o golpe de estado havia uma campanha presidencial em meio ao quadro repressivo de combate ao comunismo. Diante do esvaziamento do processo eleitoral, a própria candidatura governista sofreu com a incerteza, sem o apoio de Vargas. Em meio ao ambiente de hesitação, o documento forjado pelo Ministério da Guerra que relatava a preparação de uma nova ofensiva comunista, no que ficou conhecido como Plano Cohen, justificou a retomada do estado de guerra que havia sido momentaneamente suspenso. A atitude seguinte foi fechar o Congresso Nacional por tropas militares e o anúncio de um novo período histórico com a Constituição de 1937.<sup>5</sup>

No entanto, não se pode ignorar a participação da classe média nesses acontecimentos. Divididos entre a lealdade ao constitucionalismo liberal e a perda de confiança nesse modelo, o radicalismo de direita e esquerda admitiu que a população estava preparada para o autoritarismo imposto por Vargas. (SKIDMORE, 2010:62)

A partir desse contexto, Lippi afirma:

---

<sup>4</sup> Navegando na História CPDOC, Dossiê “A Era Vargas”, acessado em 5 de março de 2015, [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/getulio\\_vargas](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/getulio_vargas)

<sup>5</sup> idem

Se o debate político comportava o confronto de diferentes projetos, os contendores partilhavam o mesmo universo de temas comuns ao pensamento político da época. Podemos dizer, com risco de simplificação, que três grandes eixos marcaram o pensamento dos anos 30 e se fizeram igualmente presentes na doutrina do Estado Novo. São eles: o elitismo, o conservadorismo e o autoritarismo. (LIPPI, 1982:15)

O que se seguiu ao golpe de 1937, foi um governo centralizador, que concentrou no executivo tarefas antes divididas com o Legislativo, que recuperou práticas políticas autoritárias já conhecidas da tradição brasileira, e que também incorporou métodos mais modernos. A criação e atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda ilustra o apreço do governo com a propaganda e o interesse no controle da educação que doutrina e controla as manifestações de pensamento.

Outro aspecto importante sobre o Estado Novo é a aproximação com os fascismos europeus. Uma série de fatores assemelham os regimes, tais como: o antiliberalismo, o antiparlamentarismo, a valorização do papel do Estado, o reconhecimento de direitos individuais desde que de acordo com as necessidades coletivas, o destaque para o papel das elites como únicas dirigentes capazes de prover o bem do povo. No entanto, como adverte Skidmore,

É importante compreender que, à diferença de seus mentores europeus do fascismo, Vargas não organizou nenhum movimento político para servir de base a seu regime autoritário. Não havia um partido de Vargas, um movimento do Estado Novo, ou militantes governistas na sociedade brasileira. (SKIDMORE, 2010: 64)

Se tratando do amadurecimento político do país, o Estado Novo representou a estagnação. A organização em torno de ideologias ou de classes, nos moldes dos partidos políticos, foi duramente reprimida com a proibição das organizações. Os grupos de esquerda sofreram mais, com seus membros perseguidos e mortos, mas os integralistas também foram enfraquecidos.<sup>6</sup>

Essa estagnação pode ser lida na segunda coluna de Braga, na reedição de maio de 1938. Seu *O homem da rua* com um bonequinho desenhado vestido de smoking saudando o público, ele fala de uma revolução em Honduras e, no parágrafo seguinte fala de salvadores da pátria na Rumânia, mencionando um golpe de Estado peço rei Carol, comparado-o a Vargas: "deu uma espécie de golpe, assim como dr Getulio Vargas fez aqui." Alfineta a

---

<sup>6</sup> Navegando na História CPDOC, Dossiê “A Era Vargas”, acessado em 5 de março de 2015, <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>

mão forte do ditador: " O governo resolveu fechar, no Brasil, os partidos e as escolas, sociedades, jornais que fazem propaganda política estrangeira. Estrangeiro que quiser fazer política faça o obséquio de ir fazer lá na terra dela. Aqui não póde. Muito bem" termina.

### **A Diretrizes de Amaral**

Ao contrario do grupo de esquerda, os integralistas revidaram à repressão que estavam sofrendo e, sob a liderança de Plínio Salgado, investiram um ataque ao Palácio Guanabara, sede do governo à época. O evento aconteceu no mesmo mês de lançamento de *Diretrizes*, como consequência, esse foi o tema do editorial do primeiro número. Sobre o assunto, Wainer reforça o antagonismo da revista com os integralistas:

A revista foi lançada em maio de 1938, no mesmo mês que os integralistas cometeram seu grande erro: o ataque ao Palácio Guanabara, onde Getúlio morava com a família. Surpreendidos pelo Estado Novo, que pusera fim a seus desfiles enormes, arrogantes e triunfalistas, os partidários de Plínio Salgado reagiram com o fracassado ataque ao Palácio. Era a chance que Getúlio aguardava para assentar-lhes o golpe final. O integralismo entrara no *index* do Estado Novo, mas as forças pró-fascismo eram ainda consideráveis no Brasil, e contavam com várias autoridades do governo. *Diretrizes* tinha um poderoso inimigo a combater. (WAINER, 2000: 49)

Concordando com as declarações de Wainer, o texto de Azevedo Amaral - publicado no primeiro número do periódico - faz duras críticas ao movimento integralista. Entre outros adjetivos, Amaral chama o grupo de “forças secundárias e até insignificantes”, e também “inofensivas e ineficazes maripozas que esvoaçam em tomo de um grande fóco luminoso”. Mas a principal crítica do intelectual é quanto ao caráter falsamente nacionalista do movimento,

Uma percentagem esmagadora dos conscritos do sr. Plinio Salgado pertenciam aos elementos sociais que sistematicamente se abstêm de pensar e sentem irresistível fascinação por tudo que é exótico, maravilhoso e obscuro. A camisa verde tornara-se não um simbolo de autentico nacionalismo, mas uma expressão concreta de um exotismo que atraía os espiritos fracos, exatamente pela circunstancia de contraditar violentamente o que tradicionalmente e na vida atual constitue a realidade brasileira. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 1, Ano 1, Abril de 1938)

Rubem Braga participou do primeiro número da revista, enquanto Moreyra só se juntou ao time a partir do número 4. Desde sua primeira coluna, Braga ele abre seu texto falando sobre a melancolia do homem da rua.

"A cidade perdeu um de seus encantos. Antigamente havia, pelas calçadas, uma vivacidade estranha. Homens vestindo camisas verdes faziam gestos, gritavam, colorindo e animando a paisagem. Eram assim uma espécie de jogadores de futebol. Mas não jogavam futebol. Jogavam política. Jogavam mal. Falavam muito. (...)

Conta que queriam monopolizar o patriotismo, a honra, a família e até Deus.

Era, interessantes e divertiam. Mas depois começaram a ficar cacetes. Queriam matar todo mundo. Ninguém queria morrer. O dr Getulio Vargas ficou muito aborrecido. Mas assim mesmo foi deixando. Veio o Carnaval. Na terça-feira (...) os homens quiseram fazer uma brincadeira. Não era direito. Os Democráticos, os Fenianos e os Tenentes do Diabo existe há muito anos. O concorrente de última hora não arranhou nada. É natural. A gente gosta de carnaval assim, uma vez por ano. mas botar um clube no governo não dava certo. Depois que acabou o carnaval o governo achou que não havia razão para continuar o clube.<sup>7</sup>

Com fina ironia, Braga critica e diminui o movimento integralista.

Azevedo Amaral foi um intelectual alinhado à ideologia do estado autoritário. Formado em medicina, atuou no jornalismo político tendo livros publicados sobre as questões públicas do país. Dentre os mais conceituados estão *Getúlio Vargas, estadista* e *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. Defensor da intervenção estatal na economia, fez duras críticas ao modelo liberal. Foi com sua influência política que Amaral fundou *Diretrizes*.

Lúcia Lippi articula o pensamento de Azevedo Amaral à ideologia do Estado Novo no que tange ao autoritarismo. A autora explica que, para Amaral, o desenvolvimento da sociedade depende de uma revolução que não é igualitarista. Apenas na ação das elites, mesmo que por meio de um golpe de Estado, as influências renovadoras são possíveis. Na ausência da ação desse grupo, as influências das massas populares não se perpetuam no tempo. (LIPPI, 1982:55)

Em *Diretrizes*, Amaral assinava a seção “A Política do mês” que se configurava como o editorial do periódico. Logo no seu primeiro texto publicado nota-se o uso do espaço impresso para enaltecer o regime e as ideias autoritárias. O autor denomina a instauração do Estado Novo como “a primeira revolução construtiva” e afirma:

A estrutura do Estado autoritário acha-se por tal forma entrosada com as obras vivas do organismo nacional que, mesmo quando os seus dirigentes não quisessem submeter as atividades ao ritmo do bem público, seriam forçados pela irresistível ação automática das engrenagens da maquinaria

---

<sup>7</sup> BRAGA, R in "O homem da rua", *Diretrizes* abril 1938, nº1



do governo a conformar os seus movimentos com o sentido de uma organização estatal em que o indivíduo, por maior que seja a esfera de poder a ele atribuída, não pode eximir-se ao predomínio imperativo do interesse coletivo. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 1, Ano 1, Abril de 1938)

Essa orientação de Amaral pode ser notada na política de Vargas em relação aos sindicatos. Autorizando a atuar apenas os que fossem pró-governo, os chamados *sindicatos pelegos*, o estado conseguia impedir que as greves, que eram proibidas, acontecessem com a justificativa de que eram prejudiciais ao trabalho e ao capital nacional. Nota-se que o interesse coletivo justifica uma ordem estatal que limita direitos individuais e de uma parcela significativa da população. Diferente do que afirma Amaral, o “entrosamento” do organismo nacional está apenas na classe dirigente, e o “interesse coletivo” impediu que trabalhadores buscassem melhores condições. Importante ressaltar que, tanto a política de Vargas quanto o pensamento de Amaral, estão em sintonia com o pensamento social predominante na década de 30 que atribui integralmente às elites a responsabilidade de mudança social já que o restante da população estaria imersa em uma profunda ignorância.

Amaral adota a influência exercida pelo modelo biológico na produção do conhecimento, e enxerga a nação como um corpo que busca o equilíbrio na harmonia entre as formas organizacionais e a realidade. Não há conflito entre a ação do indivíduo e a vontade coletiva e os impulsos contraditórios a esse padrão de funcionamento da sociedade devem ser impedido pelos seres superiores, os governantes, que interferem no curso da história. É a existência de indivíduos diferentes que causa uma sociedade desigual, na qual a democracia deve assegurar o exercício da liberdade dentro dos critérios da vontade coletiva expressa na ação estatal. A revolução, para o autor, é a busca pelo restabelecimento da hierarquia para, em última instância, apressar o curso natural. As referências ao paradigma biológico podem ser notadas em metáforas como em

A função tantas vezes exercida pelo que parecia representar apenas um sub-produto da fermentação política e social assume não raro proporções de tão profunda repercussão e tão longo alcance, que o espírito é levado a crer que uma orientação providencial dos acontecimentos pôz em contribuição para os seus fins cousas minúsculas que pareciam mover-se apenas ao redor dos acontecimentos, *como inofensivas e ineficazes maripozas que esvoaçam em tomo de um grande fóco luminoso*. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 1, Ano 1, Abril de 1938. Grifo nosso.)



É possível perceber nos editoriais sua posição política e sua militância em defesa do autoritarismo como um modelo para o Brasil daquele momento. A revista serve como plataforma para que ele possa difundir suas ideias. O primeiro número de *Diretrizes* reflete esse caráter mais sisudo e de doutrinação. No entanto, ao longo do período que está à frente da revista, a força dos argumentos políticos de Amaral vão perdendo terreno para as inovações e as novas pautas sugeridas por Wainer, sem que o espaço destinado ao autor fosse alterado.

Entre outros aspectos, Amaral critica o liberalismo no que tange a relação entre o estadista e a direção do Estado. De acordo com o autor, o antagonismo entre um personalismo e a democracia liberal é baseado em abstrações e ficções. Amaral diz que o predomínio de um homem era encarado como desvirtuamento do regime liberal-democrático, e explica sua visão do líder político como elo de identificação entre o estado e a nação:

O papel reservado ao homem, isto é, ao estadista, ao chefe que governa efetivamente e é um condutor da Nação na plenitude da significação do termo, reassumiu nas sociedades atuais a importância que sempre tivera até o advento dos regimes políticos incorporados na órbita da democracia liberal. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 3, Ano 1, Junho de 1938)

As ideias de Azevedo Amaral fazem parte da complexa teia ideológica do Estado Novo. Mas, para além dos conceitos, a prática cotidiana dos acontecimentos políticos também englobou a população. As ideias autoritárias tinham eco entre os intelectuais e revolucionários ao ponto de o brasilianista Thomas Skidmore afirmar que, “se fosse preciso escolher entre a anarquia e o autoritarismo, um número surpreendentemente grande dos revolucionários de 1930 estava disposto a ficar com o último, pelo menos em potencial.” (SKIDMORE, 2010, p.68)

O estilo essencialmente democrático do Estado autoritário patenteia-se assim no estabelecimento normal de uma intimidade entre o governo e a opinião pública. Esta passa a ser esclarecida sobre a marcha da administração como nunca o fora, nem podia tê-lo sido nos regimes passados. Por outro lado o Chefe da Nação com esse sistema de governo de portas abertas, qual bem acaba de defini-lo o presidente Getúlio Vargas, fica habilitado a receber de todos os quadrantes da vida nacional contribuições úteis para a sua própria orientação política e administrativa. Realiza-se assim uma verdadeira democracia, em que cada cidadão pode participar, na medida da sua capacidade, na obra comum de direção dos destinos nacionais. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 2, Ano 1, Maio de 1938)

Nesse quesito, a verve autoritária do governo também pode ser notada na rejeição do liberalismo econômico. O esforço de industrialização levado a cabo na década de 30 tinha clara intervenção estatal. Foi principalmente pelo uso de uma série de incentivos fiscais, como controles cambiais, controle de crédito, impostos etc., e no investimento público direto em ferrovias, navegação, petróleo e outros, que a economia foi dirigida pela autoridade máxima do governo federal. (SKIDMORE, 2010, p.76) Na mesma linha Amaral legitima o autoritarismo do Estado por tratar-se de uma tarefa necessária a construção da nacionalidade.

O Estado Autoritário, qual o instituiu a Constituição de 10 de Novembro, é a única forma possível de Estado democrático nacional. Nele a unidade da Nação, irrealizável no sistema das formações partidárias múltiplas, empenhadas na conquista alternada do poder através da confusão eleitoral do sufrágio universal promiscuo e direto, torna-se viável e não pode mesmo deixar de existir desde que o funcionamento das instituições se processe em condições normais. Mas a coesão nacional e a identificação da coletividade dos cidadãos com o Estado, exigem uma coordenação efetiva dentro dos quadros de uma organização política única. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 4, Ano 1, Julho de 1938)

O que chama a atenção é que esse pensamento autoritário de Amaral encontra vozes que divergem de seu ponto de vista. O mosaico formado pelo meio de comunicação permite essa pluralidade de opiniões, essas múltiplas vozes, passíveis de serem percebidas na mídia até hoje. Braga faz a crônica da cidade e relata: "Na rua Sachet, numero 28, ha um casarão fechado. Pregado na porta, um papel selado. É um anúncio: aluga-se este prédio... Quem quizer vê,, vá lá. E quem quizer alugar, cuidado.O casarão é mal assombrado. De madrugada erram por ali fantasmas verdes, magros, e punhal na mão, falando bobagens terríveis, e dizendo de vez em quando, com voz soturna : A-na-uuu-êêêê..."<sup>8</sup>

### **O rompimento de Amaral e a continuidade com Genolino Amado**

O rompimento de Azevedo Amaral com *Diretrizes* não é explicado muito claramente no livro de Wainer. Sobre o assunto, o jornalista relata que o clima da redação foi deixado Amaral acuado pois, já a partir do segundo número, começaram a fazer parte do periódico textos de importantes nomes da literatura nacional ligados à esquerda como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz.

---

<sup>8</sup> Braga, in *Diretrizes* número 4, junho de 1938

Além da coluna *A Política do Mês*, Amaral também assinava o *Comentário Internacional em Diretrizes*, e foi nesse espaço que, convencido por Wainer, o intelectual rompeu o silêncio sobre a guerra civil espanhola. O assunto, censurado na imprensa nacional, foi publicado na quarta edição da revista que rapidamente se esgotou nas bancas. No texto, o autor apresenta o histórico do conflito e a relação da disputa com os fatores estrangeiros.

Relata Wainer:

A publicação da reportagem sobre a guerra civil espanhola alertou Azevedo Amaral para os riscos contidos na convivência com a redação de *Diretrizes*. Ele me chamou para comunicar sua insatisfação e informar que deixaria a revista. Fizemos um acordo. Ele ficaria com os dois contos da Light, eu com o título. Numa tentativa de rescisão civilizada, acertamos que ele continuaria a assinar a principal reportagem internacional da revista. A busca de um desquite amigável resultaria inútil. Quinze dias depois, naturalmente valendo-se da verba da Light, Azevedo Amaral lançou uma revista chamada *Novas Diretrizes*, abertamente financiada pelo DIP. E em franca oposição à nossa. Em contrapartida, estávamos livres para fazer a revista que imaginávamos adequada ao Brasil daquele momento. (WAINER, 2000: 54)

O relato do jornalista nos leva a crer que o rompimento com Amaral não foi pacífico. Nessa mesma lógica acrescenta-se à narrativa de Wainer, o fato de que, no mesmo novembro de 1938 que deixou de figurar como diretor de *Diretrizes*, Amaral lançou *Novas Diretrizes – Política, Cultura, Economia*, levando consigo o patrocínio da empresa Light and Power. Seguindo a linha do pensamento de Amaral, a nova revista combatia o liberalismo e o marxismo, também veiculava conteúdos fascistas, apesar de diminuir tal afinidade depois que o Brasil entrou na guerra. Prioritariamente, *Novas Diretrizes* discutia as políticas gerais do Estado Novo chegando, inclusive, a propor a nacionalização da imprensa.<sup>9</sup>

Com a saída de Azevedo Amaral da redação de *Diretrizes*, a coluna *A Política do Mês* passou a ser escrita por Genolino Amado. Formado em advocacia, o sergipano de Itaporanga destacou-se, desde jovem, na imprensa, especialmente nas crônicas. Geno, como assinava os primeiros textos, substituiu Menotti Del Picchia no jornal *Correio Paulistano*, foi também chefe da censura teatral e cinematográfica de São Paulo entre os anos de 1928 e 1930 e teve posição de destaque nos Diários Associados.

---

<sup>9</sup> <http://bndigital.bn.br/artigos/novas-diretrizes/> acessado em 5 de março de 2015

Em *Diretrizes*, apesar de assinar a mesma coluna que Amaral, *A Política do Mês*, Genolino manteve tom e temas dos textos de maneira particularmente diferenciados. Enquanto Amaral destacava as diretrizes do estado autoritário nas ações efetivas do governo, Genolino evitou esse tipo de orientação, escolheu temas indiretamente ligados à administração do país e chegou a apresentar tom de cobrança. É preciso registrar que os elogios a governança de Vargas estão presentes, mas Genolino faz análises sociais e sugere ações políticas, não tenta apresentar ou elucidar a ideologia do Estado Novo como Amaral fizera.

No primeiro editorial que escreve para a revista, Genolino fala sobre a importância da juventude e da educação para o governo. Por ocasião do aniversário de um ano de instituição do Estado Novo, o autor afirma no texto intitulado *A juventude brasileira e o sentido realista de sua educação* que,

Desse modo, a questão da juventude teria de repontar entre os assuntos palpitantes dessa expectativa geral pelas providências e realizações a serem lançadas no próximo 10 de Novembro.

E já que se aguarda um grande programa de ação e renovação educativa, é indispensável salientar desde agora um dos aspectos mais graves, mais importantes e, infelizmente, mais descuidados do ensino brasileiro.

Falando com franqueza, mas com a franqueza de quem pretende ajudar a construir, se realmente se cogita de construção, deve-se dizer que o maior erro do ensino brasileiro é que ele não ensina o Brasil. Isto é, o Brasil da realidade, o Brasil que existe, o Brasil que devemos amar tal como é, na esperança de fazê-lo amanhã diferente e melhor. Nada é mais necessário em nosso país do que dar um sentido realista à educação da juventude. E, para mal dos nossos pecados, esse sentido sempre faltou entre nós. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 8, Ano 1, Novembro de 1938)

Os segundo e terceiro textos de Genolino para *Diretrizes* revelam uma análise crítica da sociedade brasileira e até mesmo um aspecto de cobrança para com o governo. Sem sequer citar o nome de Vargas, uma novidade nos editoriais da revista até então, o autor avalia a “bondade brasileira” e defende uma reabilitação da inteligência brasileira, respectivamente. Em *Pela reabilitação da inteligência brasileira* o autor critica o desprestígio que tem o homem letrado, que interpreta a realidade do país.

No anedotário nacional o interprete da realidade e o descobridor dos mundos irrealis da poesia representam o palhaço triste que faz rir da própria desgraça, como o bufão de corpo monstruoso e alma subtil de que escarneciam os toscos barões medievais. (*Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 10, Ano 1, Janeiro de 1939)

Samuel Wainer contrata Alvaro Moreyra para que ele assine uma crônica e uma coluna de teatro. Convivem Amado, que foi chefe da censura de teatro e cinema, e Moreyra, que, em sua primeira crônica *Quadros e Sol*, lamenta a situação política italiana: "Ir à Itália fazia parte da felicidade humana. Gentileza. Hoje seria *gaffe*. Não é conselho que se dê a quem se estima. (...) Ir à Itália pertence às desgraças da vida." O que chama atenção neste artigo de 1938 é que Moreyra refere-se a Hitler e já fala em campos de concentração "Os cemitérios são campos de concentração calado e imóveis: não podem ser visitados. Os campos de concentração são cemitérios que se mexem e murmura: também não podem ser visitados. (...) É uma nação em guerra contra ela mesma..."

No jogo de disputa da linha editorial de *Diretrizes* é possível notar que a revista teve um percurso particular que apenas começa a ser analisado neste trabalho. O debruçar sobre a participação de Azevedo Amaral como um dos fundadores do periódico nos levou a uma *Diretrizes* que tem poucos trabalhos na academia. Nesse sentido, estudamos alguns textos de uma revista alinhada ao autoritarismo, diferente da que ficou consagrada como bastião da imprensa na defesa de valores democráticos, firmemente posicionada contra o antissemitismo e os fascismos europeus, e repleta de novidades jornalísticas instituídas pelo jovem Samuel Wainer. Tais características merecem mais atenção ainda no primeiro período da revista e uma possível maneira de apresentar o clima da redação que deixou Amaral acuado, como cita Wainer, seria a análise dos textos voltados para as questões culturais. As crônicas de Rubem Braga, as seções fotográficas, as colunas sobre cinema, teatro e literatura, com temas que escapam da censura, retratam uma realidade brasileira diferente da exposta nos editoriais claramente pró-Vargas de Amaral ou indiretamente políticos de Genolino.

Há muito que se escrever sobre a revista *Diretrizes*, seguimos na nossa tese de que a revista constitui-se num espaço de resistência ao Estado Novo. Mesmo com Amaral, Wainer tinha seus redatores e colunistas convidados que não se abatiam com possíveis censuras a seus textos, como vimos rapidamente aqui, com Braga e Moreyra. Essa resistência se estendia pelas diversas seções da revista. Esse espaço de informação era habilmente distribuído por Wainer, que foi - aos poucos pelo que se depreende da leitura de *Minha razão de viver* - tomado as rédeas da edição da publicação.

O mundo em 1938 a 1944 sofreu tempestades de toda ordem, genocídios, autoritarismo de esquerda, de direita, assassinatos, perseguições e muita tristeza. As notícias corriam o mundo, e um jornalismo que quisesse portar esse nome, não poderia se deixar

abater ou se entregar imediatamente à censura e a repressão. Apesar de parecer uma utopia, Wainer foi valente no enfrentamento da ditadura do Estado Novo. Pelo menos nesse intervalo de seis anos.

## REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “Autoridade e Política: O Pensamento de Azevedo Amaral”. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria Castro. **Estado Novo – Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Introdução. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria Castro. **Estado Novo – Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

ROUCHOU, Joëlle **Samuel: Duas vozes de Wainer**. Rio de Janeiro: Ed UniverCidade, 2004

VERGARA, Anelise. **O homem da rua: Rubem Braga e a Revista Diretrizes XX** Encontro Regional de História; setembro de 2010; Franca, SP: 2010.

SKIDMORE, Thomas. **De Getúlio a Castelo (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

WAINER. Samuel. **Minha Razão de Viver**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Referências de sítios eletrônicos:

Navegando na História CPDOC, Dossiê “A Era Vargas”, acessado em 5 de março de 2015  
<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo>

Navegando na História CPDOC, Dossiê “A Era Vargas”, acessado em 5 de março de 2015,  
<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/PoliticaAdministracao/EstadoNovoFascismo>

Navegando na História CPDOC, Dossiê “A Era Vargas”, acessado em 5 de março de 2015,  
[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/getulio\\_vargas](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/getulio_vargas)

FERRARI, Danilo W. Diretrizes: a primeira aventura de Samuel Wainer  
<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materia01/>

<http://bndigital.bn.br/artigos/diretrizes/>, acessado em 5 de março de 2015

<http://bndigital.bn.br/artigos/novas-diretrizes/>, acessado em 5 de março de 2015

Artigos em *Diretrizes*

AMADO, Genolino. A juventude brasileira e o sentido realista de sua educação. [A Política do Mês - Editorial]. *Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 8, Ano 1, Novembro de 1938.

AMADO, Genolino. Pela reabilitação da inteligência brasileira. [A Política do Mês - Editorial]. *Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 10, Ano 1, Janeiro de 1939)

AMARAL, Azevedo. A política do mês. [Editorial]. *Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 1, Ano 1, Abril de 1938.

AMARAL, Azevedo. A política do mês. [Editorial]. *Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 2, Ano 1, Maio de 1938.

AMARAL, Azevedo. A política do mês. [Editorial]. *Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 3, Ano 1, Junho de 1938.

AMARAL, Azevedo. A política do mês. [Editorial]. *Diretrizes – Política, Economia, Cultura*, Número 4, Ano 1, Julho de 1938.

BRAGA, Rubem colunas *O homem da rua*, in *Diretrizes* 1938-1939

MOREYRA, Alvaro colunas de teatro e crônicas em *Diretrizes*, 1938-1939